

# PARA ALÉM DAS GUERRAS: A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA ARTE ASSÍRIA

Katia Maria Paim Pozzer<sup>1</sup>

Artigo recebido em: 22/05/2016.

Artigo aceito em: 15/06/2016

## Resumo:

O presente artigo pretende discutir questões relacionadas à representação imagética do espaço geográfico, a partir do estudo de um relevo parietal da época neoassíria, em uma conjuntura de forte expansão territorial do império. As imagens evocam um momento que antecede a batalha e têm-se uma forte impressão de movimento das tropas. Além disso, os artistas da corte assíria tiveram preocupação em retratar, com certo naturalismo, a paisagem, tida como cenário desses acontecimentos.

**Palavras-chave:** Representação – Espaço – Assíria – Arte antiga.

## Résumé:

Cet article vise à discuter des questions relatives à la représentation de l'image de l'espace géographique, a partir de l'étude d'un relief pariétal de l'époque neoassyrienne, dans un environnement de forte expansion territoriale de l'empire. Les images évoquent un moment avant la bataille, et donnent une forte impression de

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela *Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne*; Professora do Curso de História da Arte, do Instituto de Artes e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa **Laboratório do Mundo Antigo e Medieval** (LAMAM) no CNPq. <http://lattes.cnpq.br/9408053472324588>.

mouvement des troupes. Au-delà, les artistes de la cour assyrienne ont eu le souci de montrer, avec un certain naturalisme, le paysage, ayant été le scénario de ces événements.

**Mots-clés:** Représentation – Espace – Assyrie – Art ancien.

\* \* \*

## Introdução

Para discutirmos as representações das práticas imperialistas e a constituição do espaço no mundo antigo oriental é preciso, antes de mais nada, apresentarmos uma breve noção da geografia desta zona. O antigo Oriente Próximo<sup>2</sup>, uma região muito vasta, com relevos e vegetação muito variados, foi o contexto geográfico no qual se desenvolveram as primeiras civilizações.

Há 200 milhões de anos, duas antigas massas continentais começaram a se quebrar e escorregar uma sobre a outra, isto é, houve movimento das placas tectônicas. A placa arábica passou sob a placa iraniana e baixou, em relação ao nível do mar, formando o Golfo Pérsico<sup>3</sup> e as terras baixas da Mesopotâmia, onde correm os dois principais rios, o Tigre e o Eufrates. O mesmo movimento provocou a formação dos Montes Zagros, uma cadeia de montanhas, à nordeste da Mesopotâmia (ROAF, 2006, p.17).

---

<sup>2</sup> Esta terminologia foi criada ainda no século XIX, na Europa, dentro do contexto das grandes descobertas e escavações arqueológicas e possui um forte caráter eurocêntrico. Ela parte da perspectiva da Europa como centro do mundo, sendo a região da Mesopotâmia, à oeste, mas mais próxima do que a China e Japão, chamados de "Extremo Oriente". Ver importante discussão a esse respeito em SAID, 1990.

<sup>3</sup> A nomenclatura do Golfo também varia: os iranianos preferem chamá-lo de Golfo Pérsico, numa clara alusão ao passado persa da região e os árabes chamam-no de Golfo Árábico.



Fig. 1 – Mapa esquemático do Oriente Próximo

Fonte: <https://www.knowingthebible.net/bible-studies/maps-and-charts>

O Oriente Próximo também recebeu o nome de "País de Cinco Mares", pois ele é compreendido entre o Mar Mediterrâneo, o Mar Negro, o Mar Cáspio, o Golfo Árabo-Pérsico e o Mar Vermelho (Fig. 1). Porém, os mares tiveram um impacto menor do que a terra na instalação dos homens na região. O Oriente Próximo apresenta uma grande diversidade de paisagens: dos pântanos do sul do Iraque às montanhas cobertas de neve do Irã, passando pelo deserto basáltico da Jordânia e Síria e o deserto de areia do Saara no Egito. Cada meio geográfico possui uma vegetação diferente e impõe aos seus habitantes métodos diferentes de subsistência.

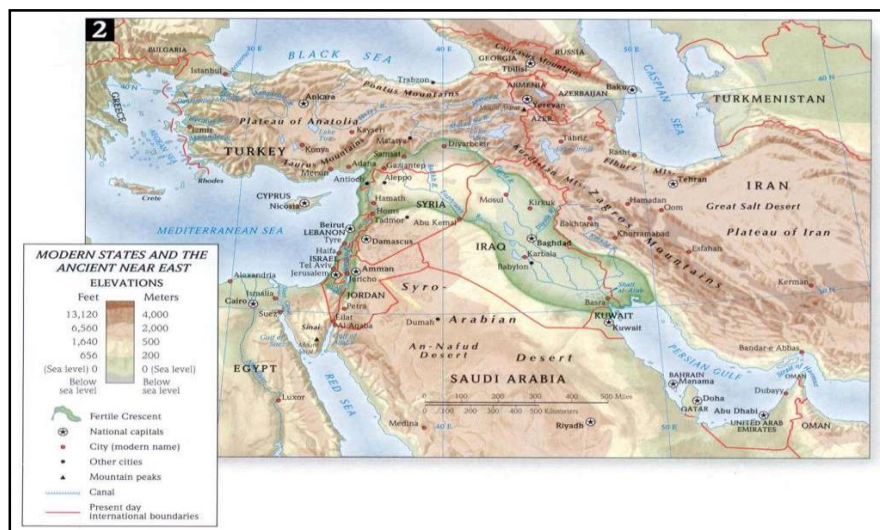


Fig. 2 – Mapa físico do Oriente Próximo

Fonte: <http://bibletech.net/Reference/Maps/ALL.html>

A paisagem e a vegetação da região são bem variadas devido aos processos geológicos e aos efeitos mais recentes da água, do vento e do gelo no antigo Oriente Próximo (Fig. 2). Tem-se ali cinco situações distintas (ROAF, 2006, p. 21):

1. Costa Mediterrânea: florestas abertas com espécies de pinheiros que sofrem desmatamento milenar, há regiões onde a floresta foi substituída por arbustos frutíferos como a oliveira, o morangueiro, o loureiro, etc.;
2. Costa do Mar Negro e do Mar Cáspio: florestas úmidas subtropicais de pinheiros e plátanos;
3. Regiões Montanhosas: na Anatólia - os Montes Taurus, com florestas de pinheiros (cedro do Líbano); no Irã - os Montes Zagros e o Elburz;
4. Estepes: na Mesopotâmia, com as planícies irrigadas com o aluvião dos rios Tigre e Eufrates, no Egito, com o delta do Nilo, na Palestina, com o vale do Jordão;
5. Desertos: na Jordânia, Síria e Egito, com arbustos e vegetação rara.

## Breve história da formação do Império Assírio

O território da Assíria, na Alta Mesopotâmia, localizado entre as margens do rio Tigre e as colinas dos Montes Zagros, separam a Mesopotâmia do planalto iraniano. Ele foi o núcleo do grande império assírio por cerca de quatro séculos AEC (Fig. 3). Esta região possuía algumas grandes cidades, ao longo do Tigre, que foram reunidas no II milênio AEC para formar o estado assírio: Nínive, Arbela e Aššur (JOANNÈS, 2000).



Fig. 3 – Mapa da região da Assíria

Fonte: COLLINS, 2008, p. 129.

Podemos reconhecer duas grandes fases na formação deste império: do século XIII AEC até o ano 1.000 AEC e do ano 1.000 AEC até a queda de Nínive em 612 AEC (JOANNÈS, 2001).

É importante salientar que os povos que constituíram o mundo antigo oriental não conheciam, e tão pouco utilizavam, o termo “império” para nomearem suas práticas de expansão e de dominação de outros povos. Na opinião de LARSEN (1979,

p. 91) os antigos mesopotâmicos utilizavam o termo “países” ou “terras” para distinguir os outros povos dominados.

A formação do império assírio foi fruto de um longo processo que visava unir diversos territórios, sob sua língua, sua religião, suas tradições e sua história. Para esse resultado final os soberanos assírios empregaram uma série de guerras, que iniciaram durante o II milênio AEC e se estenderam em sua máxima expansão durante o I milênio AEC (Fig. 4).

A narrativa assíria assevera que essas guerras podiam assumir o caráter de defensivas ou preventivas e eram destinadas a proteger a região ao longo do rio Tigre, que constituía o território da cidade de Aššur e de sua principal divindade, contra os inimigos do rei e daqueles que tentavam manter fechadas as rotas de comércio indispensáveis à sobrevivência da pequena nação (ROUX, 1995, p. 330).

As primeiras expedições militares fora da Mesopotâmia foram responsabilidade de dois soberanos: Tukulti-Ninurta I (1243-1207 AEC) que venceu a Babilônia e Tiglatpileser I (1112-1074 AEC) que chegou ao Mediterrâneo durante o período médio assírio.

A segunda onda de expansão ocorreu de maneira mais intensa e acelerada. Grandes reis do período neoassírio, que inicia em 912 AEC com o governo de Adad-Nirari II, executaram campanhas militares, de Aššurnazirpal II (883-859 AEC) à Assurbanipal (668-631 AEC), até a queda do império, com a tomada de Nínive, em 612 AEC, pela coalizão dos exércitos meda e babilônico (PARROT, 2007, p. 29-33).

Para a assiriologia (LARSEN, 1979, p. 90) o primeiro domínio que atinge extensão de grandes proporções foi o Império Assírio, que se dizia herdeiro dos modos de organização imperial e legitimação das épocas de Sargão de Akkad (2340-2159 AEC) e de Hammurabi, rei da Babilônia (1792-1750 AEC), ambos poderosos soberanos do sul mesopotâmico (LIVERANI, 1995, p. 319).



Fig. 4 – Mapa do Império Assírio

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/Assyria#/media/File:Map\\_of\\_Assyria.png](http://en.wikipedia.org/wiki/Assyria#/media/File:Map_of_Assyria.png)

## Documentos iconográficos do Império Assírio

No mundo mesopotâmico, o relevo sobre pedra teve um desenvolvimento muito vasto. Ele concretizava as funções narrativas que faltavam nas esculturas de vulto, permitindo a combinação das figuras em cenas e, desse modo, a evocação dos grandes acontecimentos da sociedade, desde os políticos até os religiosos. Havia diversos tipos de relevo, aos quais correspondiam diversas fórmulas iconográficas. O relevo mesopotâmico podia assumir, essencialmente, quatro tipos distintos: a estela, a placa, o relevo rupestre e parietal e o sêlo-cilindro. (SERRES; POZZER, 2008, p. 170).

A prática cultural de criação de relevos monumentais estava associada ao momento político de construção de grandes impérios. A imponente quantidade de cenas e a sua própria continuidade indicam uma função amplamente documental. Os relevos parietais, no plano artístico, correspondem aos anais assírios no plano literário. A maioria das cenas representadas evoca a guerra, mais exatamente as campanhas militares empreendidas pelos assírios contra seus inimigos (MOSCATI, 1985, p. 38).

Os baixos-relevos sobre lajes de alabastro eram repartidos em duas ou mais partes, recobrando as paredes dos palácios, poderiam ultrapassar 2m de altura. As lajes triplas eram usadas sobretudo nos templos. Seis reis assírios deixaram este tipo de relevo: Aššurnazirpal II (883-859 AEC) no palácio noroeste da cidade de Nimrûd; Salmanassar III (853-824 AEC) no palácio central da cidade de Nimrûd; Teglatphalassar III (745-727 AEC) nos palácios do centro e do sudoeste da cidade de Nimrûd; Sargão II (722-705 AEC) no palácio de Korshabad; Senaqueribe (705-681 AEC) no palácio sudoeste da cidade de Nínive; Assurbanipal (669-627 AEC) nos palácios do sudoeste e norte da cidade de Nínive (READE, 2006).

As escavações arqueológicas que desvendaram os palácios destes soberanos iniciaram no século XIX. O primeiro palácio descoberto foi o de Sargão II, em Dûr-šarrukin, sobre o sítio de Khorsabad, explorado por Émile Botta em 1843 e 1844, cônsul da França. Após seguiram-se as ruínas dos palácios de Kalhu, pelo inglês Henry Austin Layard, desde 1845, depois Nínive a partir de 1848, por Vitor Place e H. Rawlison. Em 1872, em Nínive, H. Rassam descobre a Biblioteca de Aššurbanipal e a partir de 1903 até o início da I Guerra Mundial, em Aššur se realizou uma escavação arqueológica que serve de modelo até os dias de hoje (READE, 2006, p. 18).

Para a análise destas imagens nos baseamos na metodologia de Erwin Panofsky, historiador da arte alemão, cujo postulado divide o processo de análise visual em iconografia e iconologia, segundo três perspectivas distintas: descrição pré-iconográfica, com a enumeração dos motivos artísticos para cada temática; análise iconográfica, com identificação de imagens, estórias e alegorias e interpretação iconológica, com interpretação dos valores simbólicos nas imagens. Aqui iconografia é entendida como o estudo do tema ou assunto e iconologia como o estudo do significado do objeto. A iconografia é o tema e o significado das obras de arte em contraposição a sua forma e iconologia é o estudo de ícones ou de simbolismo na representação visual (PANOFSKY, 1995, p. 19). A leitura das imagens foi feita da esquerda para a direita, de cima para baixo.



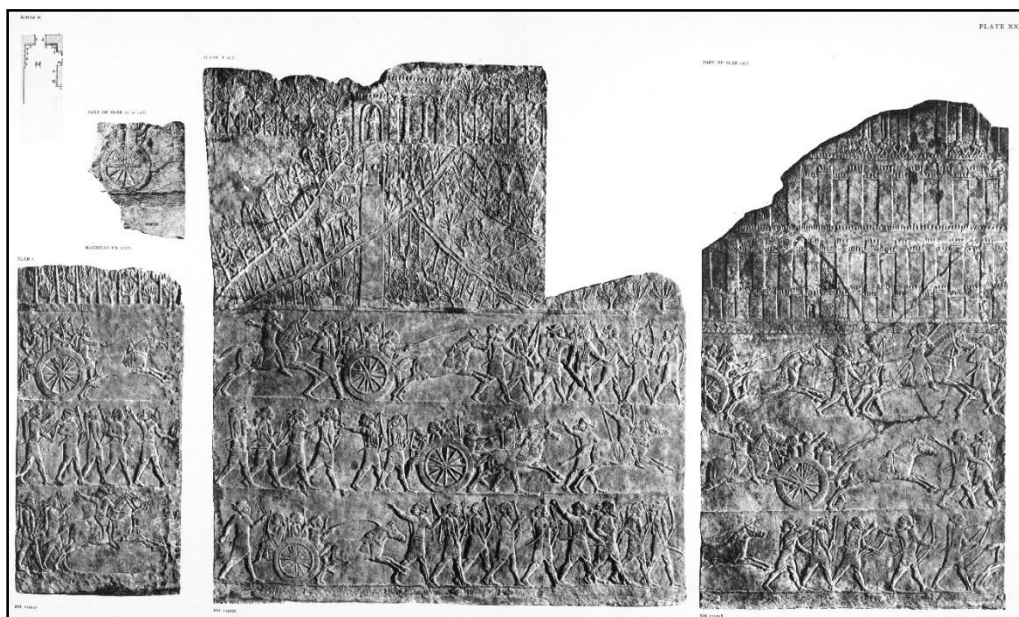


Fig. 5 - Lajes 7, 8 e 9 na sala G - Prancha XXIII, Palácio de Assurbanípal.

Fonte: BARNETT, 1976, p. 124.

A legenda desta imagem proposta por Barnett é "Cidade entre jardins, pode ser Arbela (Arba'il) ou Nínive com elamitas se precipitando na batalha".

Esta é uma laje tripla, cada uma apresentando 4 linhas. A laje 7 está parcialmente destruída na primeira linha, onde vê-se uma floresta com árvores de diferentes tamanhos e espécies, como palmeiras, pinheiros, etc. Na laje 8 vemos um extenso jardim cortado por canais de irrigação em uma área com elevação, onde encontra-se uma espécie de aqueduto (*bît hilâni*). No topo da imagem temos um altar com uma estela real em um pavilhão com colunas em meio ao jardim. Na laje 9 vê-se uma cidade, provavelmente assíria, com suas triplas muralhas, à beira de um rio e é possível identificar uma porta da cidade. Na parte bem superior vê-se a entrada de um templo flanqueado por colunas sustentadas por estátuas de esfinges (*lamassû*) e leões (Fig. 5).

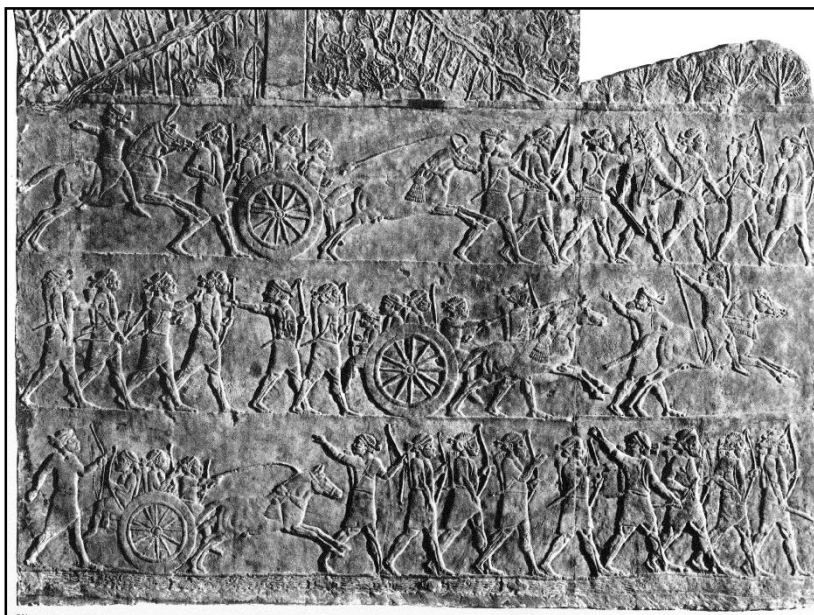


Fig. 6 – Detalhe da laje 8, Palácio de Assurbanípal.

Fonte: BARNETT, 1976, p. 124.

Na segunda linha, há tropas de soldados elamitas, retratados com saias curtas, cabelo característico com uma fita na cabeça amarrada para trás, uma parte está à pé, outra parte sendo levada em três carros de guerra, todos portando arco e flecha, sendo guiados por um oficial à cavalo com uma lança. Os cavalos que puxam os carros parecem estar à galope (Fig. 6).

Na terceira e quarta linhas repete-se a temática anterior com soldados de infantaria e outros em carros puxados por cavalos, com alguns oficiais lanceiros à frente, montados em cavalos. Aqui tem-se a forte impressão de movimento das tropas, os soldados conversam, agitam os braços, dando uma idéia de certa algazarra pré-combate, com um grande número de combatentes. Estes soldados parecem estar deixando a região de Arbela ou Nínive e se dirigindo, ruidosamente, para o campo de batalha.



Fig. 7 – Detalhe da laje 8, com o aqueduto ao centro e à esquerda.

Fonte: BARNETT, 1976, p. 124.

Neste relevo vemos diversos elementos associados: um parque com diversas árvores plantadas e irrigadas por um sistema de canais e um aqueduto; uma cidade com altas muralhas; uma estela e um altar; um pórtico com colunas (*bît hilâni*), representando um espaço de repouso do monarca assírio (JOANNÈS, 2001, p. 337). Dentre as plantas, podemos distinguir duas espécies distintas: a tamareira e um tipo de pinheiro.

A representação de florestas com diversas árvores, como o cipreste, o pinheiro e a palmeira e extensos jardins, artificialmente irrigados, além de um aqueduto construído em uma elevação do terreno pretende narrar, com certa fidedignidade, o meio ambiente desta região da Assíria (Fig. 7).

O pano de fundo de inúmeros mitos e lendas sumérios é uma paisagem de planícies aluviais, cortadas por canais de irrigação, com juncos e palmeirais, uma paisagem típica do sul mesopotâmico, que influenciou a cultura e o imaginário de toda a Mesopotâmia. O jardim não era simplesmente um espaço de terra cultivável com frutos e legumes, era um lugar reservado e irrigado, com sombra, agradável e refrescante, onde podia se passar o tempo com mais conforto do que no campo ou na lavoura tórrida. Os documentos que tratam dos amores entre deuses e homens, na

literatura mesopotâmica, têm o jardim por lugar ideal para os embates amorosos (POZZER, 2011).

O Mito de Inanna e Šukaletuda, um texto literário, datado do II milênio AEC, narra a invenção do jardim e o torna o teatro privilegiado do desenrolar de um drama de violência sexual cometida contra a deusa Inanna. Nele, o deus Enki, por uma ação mágica, com o auxílio do Corvo, um personagem de fábula, cria o primeiro jardim. O mais sábio dos deuses lhe dá instruções precisas para plantar a árvore mais admirada em todo o Oriente: a palmeira. Em seguida, o corvo é transformado no jardineiro Šukaletuda, cujo nome sumério desconhece-se o significado (POZZER, 2011, p. 47).

Após a invenção da palmeira, o jardineiro cria o jardim, mas logo ele é confrontado com um grave problema: uma tempestade de areia destruiu seu trabalho e desenraizou as plantas do jardim. Depois de muito refletir e observar as estrelas, ele criou uma barreira natural com álamos frondosos que protegeram o jardim, fornecendo sombra o dia inteiro.

Mas além da representação dos jardins, este relevo evoca um importante dispositivo urbano do mundo antigo oriental: o aqueduto, visível na parte superior da laje 8 (Fig. 7). O aqueduto é uma obra de engenharia destinada a captar e conduzir a água de um lugar para outro. Seu princípio consiste em manter um declive regular do ponto de captação até o ponto de chegada, sendo necessário, às vezes, a construção de túneis ou pontes. O aqueduto aqui representado, provavelmente, refere-se ao construído pelo rei Senaqueribe (704-681 AEC) para o provimento de água nas cidades de Arbela, Kilizu, Kalhu e Nínive (JOANNÈS, 2001, p. 60). As inscrições comemorativas deste rei informam que a obra ligava o Vale de Girma à Jerwan (Fig. 8). O conjunto desta imponente construção era composto por canais com paredes em pedra, barragens, bacias de decantação e uma ponte-aqueduto, que teria alcançado 275m de comprimento, por 22m de largura e 5m de altura (Figs. 10, 11 e 12). O edifício conhecido como Aqueduto de Jerwan foi escavado por uma equipe do Instituto Oriental de Chicago entre 1933-34 (JACOBSEN, LLOYD, 1935, p. 6).

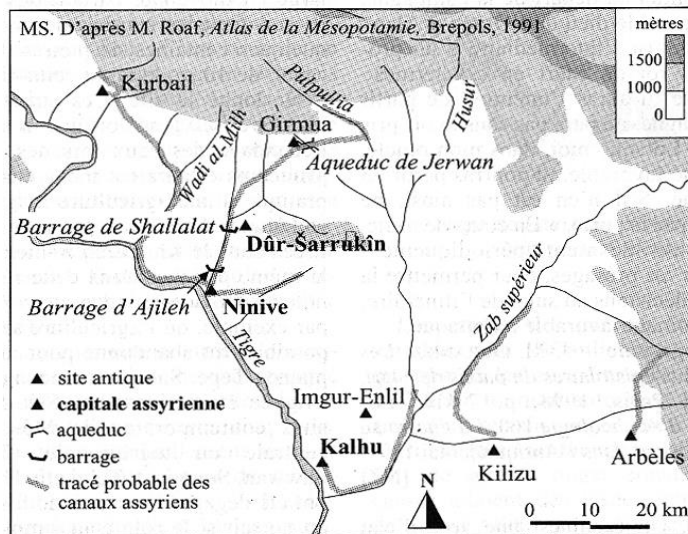


Fig. 8 – Rede de canais da Assíria, primeira metade o I milênio AEC.

Fonte: Adaptado de ROAF, 2006, p. 78.

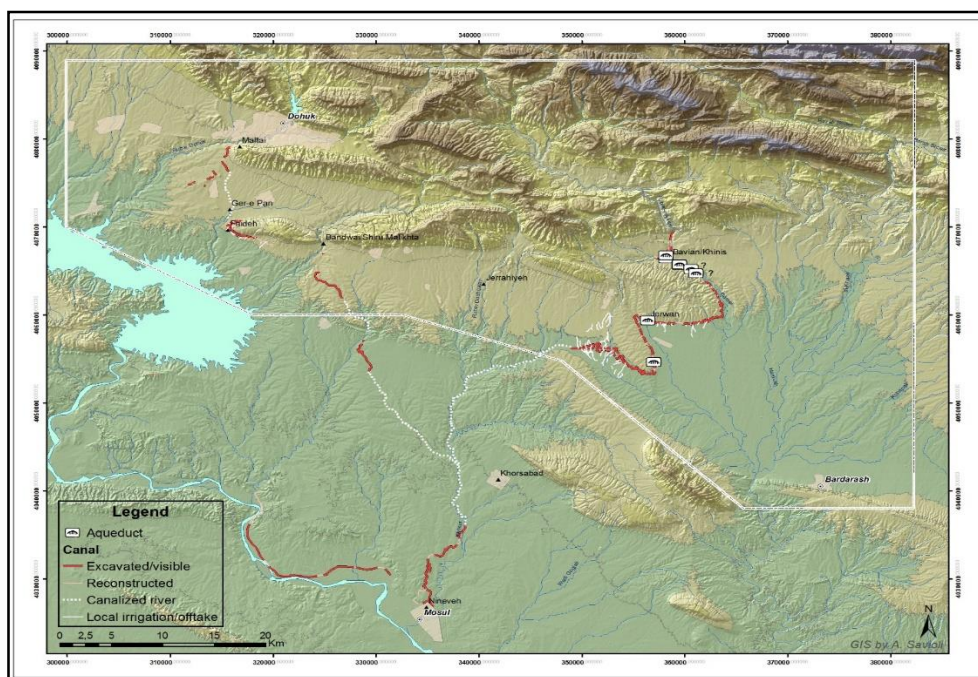


Fig. 9 – Mapa com localização do aqueduto de Jerwan.

Fonte: <http://asorblog.org/wp-content/uploads/2014/01/Fig.-5.jpg>



Fig. 10 – Vista parcial dos vestígios arqueológicos do aqueduto de Jerwan.

Fonte: <http://asorblog.org/wp-content/uploads/2014/01/Fig.-3.jpg>



Fig. 11 – Vista parcial dos vestígios arqueológicos do aqueduto de Jerwan.

Fonte: [http://cdn.c.photoshelter.com/img-get/I00001XCF\\_kNyc2M/s/900/900/Sebastian-Meyer-Archeology-Kurdistan-13.jpg](http://cdn.c.photoshelter.com/img-get/I00001XCF_kNyc2M/s/900/900/Sebastian-Meyer-Archeology-Kurdistan-13.jpg)



Fig. 12 – Detalhe dos tijolos com inscrições cuneiformes do aqueduto de Jerwan.

Fonte: <http://cdn.c.photoshelter.com/img-get/I00001EUjCIImBWKk/s/900/900/Sebastian-Meyer-Archeology-Kurdistan-16.jpg>

BARNETT (1976) especula que a cidade mostrada na laje 9 do relevo possa ser Arbela, ou ainda a capital do império assírio, Nínive, cujas escavações arqueológicas mostraram evidências da existência de jardins e sistemas de irrigação em núcleo urbano. Arbela é uma cidade do Kurdistan iraquiano, situada às margens do rio Zab, ao pé das montanhas do Zagros. Erbil (nome atual do sítio) possui vestígios da antiga Arbela, mas a densidade urbana não permitiu escavações arqueológicas de grandes extensões na região (JOANNÈS, 2001, p. 68).

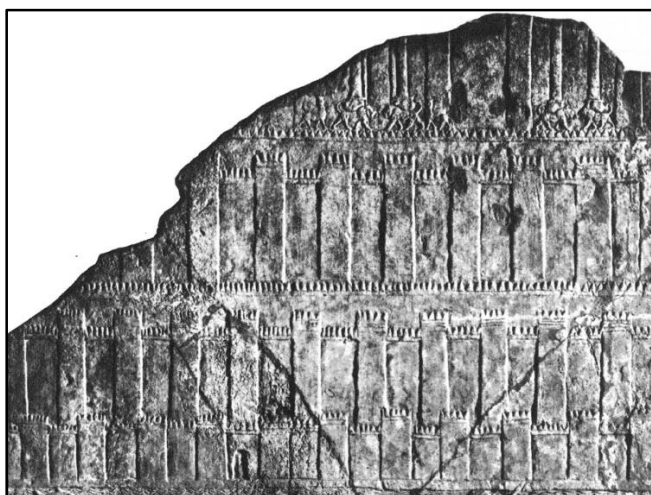


Fig. 13 – Detalhe da laje 9, Palácio de Assurbanípal.

Fonte: BARNETT, 1976, p. 124.

Sabemos que Arbela serviu de ponto de partida de inúmeras campanhas militares, a partir do IX século AEC. Os escribas neoassírios utilizavam dois sinais cuneiformes para designá-la: *arba*, que exprime o número “4” e *il*, que significa “deus”. Criavam, assim, uma etimologia onde Arbela era “a cidade de quatro deuses”, para sublinhar seu caráter de cidade santa (JOANNÈS, 2001, p. 68-9). A metrópole viveu seu auge político e cultural entre 653 e 648 AEC, quando Assurbanípal ali estabeleceu sua residência principal.

Ainda sobre este relevo, podemos afirmar que a representação de um templo, com uma estela real, pretende evocar um lugar de culto dentro dos jardins reais, onde apenas o rei e sua *entourage* poderiam visitá-lo (Fig. 7). Os templos mesopotâmicos não foram lugares concebidos para a devoção popular, mas sim como o lugar de moradia dos deuses. Eram frequentados pelos sacerdotes, responsáveis pela realização dos rituais religiosos, e pelos reis e um pequeno grupo convidado. Os templos podiam, ainda, acolher esculturas de vulto, em forma humana, que representavam os deuses e ainda estelas votivas. As estelas eram blocos de pedra, onde gravavam-se inscrições reais, geralmente, acompanhadas de uma iconografia. As estelas foram consideradas monumentos públicos, feitos para durar toda a eternidade (JOANNÈS, 2001, p. 789).

No período assírio, os touros alados e os leões com cabeças humanas representavam divindades protetoras, com forte caráter apotropaico e estavam localizadas na entrada de templos e palácios, como no presente relevo (BLACK; GREEN, 1998, p. 51).

Outro elemento exibido na laje 9 do relevo é o modelo arquitetônico das grandes cidades mesopotâmicas. Ele previa altas e espessas muralhas que serviriam para a proteção de seus habitantes, evitando ou dificultando invasões estrangeiras de exércitos inimigos ou de beduínos nômades que poderiam saquear a cidade. Neste relevo, a cidade possui uma muralha tripla que se assemelha a outras descrições da cidade de Arbela (Fig. 13).

## Conclusão

A arte no Antigo Oriente Próximo não teve um estilo único e contínuo ao longo do tempo. Cada período e região apresentaram características e desenvolvimento próprios, sujeitos ao meio ambiente e as matérias-primas, além das influências externas, devidas especialmente, ao comércio de longa distância e às



guerras de conquista. O sistema de representação não era naturalista, mas idealizado segundo convenções estilísticas, com atributos que conferiam sentidos específicos e transmitiam mensagens particulares ao observador. (BORDREUIL; BRIQUEL-CHATONNET; MICHEL, 2008, p. 40-45).

As imagens se prestam a reflexões sobre o potencial do imaginário coletivo. Os relevos assírios, em sua maioria, situavam-se nas salas dos palácios, local de circulação restrita, frequentadas somente pela corte, pelo rei, altos funcionários e embaixadores estrangeiros. A representação das batalhas, em uma demonstração de poder hegemônico, era absorvida pelo imaginário daqueles que conviviam com o soberano e tinham a intenção de transmitir, para além das fronteiras geográficas do reino, o poderio bélico capaz de destruir todo aquele que subestimasse o exército imperialista assírio.

Vários aspectos da guerra foram imortalizados na arte de esculpir relevos na Assíria do I milênio AEC. Estas obras transmitem mensagens veiculadas por intermédio das cenas bélicas, onde o simbolismo presente nos relevos servia como uma linha reguladora e normativa da ideologia assíria.

Dentre esses diversos aspectos, os relevos nos informam ainda sobre a constituição do espaço geográfico, seja ele real ou imaginário. A arte assíria, que desconhecia a perspectiva, esforça-se em representar a diversidade ambiental, a geografia física, a variedade de vegetação e as obras arquitetônicas de caráter monumental, obedecendo o cânone artístico e ideológico do período, marcado pelas guerras imperialistas.

## Referências

AMIET, P. **Introduction à l'histoire de l'art de l'antiquité orientale**. Paris: Desclée de Brouwer, 1979.

BACHELOT, L. **Fonction politique des reliefs néo-assyriens**. In: CHARPIN, D.; JOANNÈS, F. **Marchands, Diplomates et Empereurs**. Paris: Recherche sur les Civilisations, 1991.

BARNETT, R. D. **Sculptures from the north palace of Ashurbanipal at Nineveh (668-627 B.C)**. London: The British Museum Publications, 1976.

\_\_\_\_\_. **Neo-Assyrian Empire**. In: MORRIS, I.; SCHEIDEL, W. (eds.). **The Dynamics of Ancient Empires. State Power from Assyria to Byzantium**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2009, p. 30-65.

BEDFORD, P. R. **Empire and exploitation: In the Neo Assyrian Empire**. Disponível em:

<http://prophetess.lstc.edu/~rklein/Doc6/bedford.pdf>

BIENKOWSKI, P.; MILLARD, A. **Dictionary of the Ancient near East**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2000.

BLACK, J.; GREEN, A. **Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia**. London: British Museum Press, 1998.

BLACK, J.; GEORGE, A.; POSTGATE, N. **A concise dictionary of Akkadian**. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2000.

BORDREUIL, P.; BRIQUEL-CHATONNET, F.; MICHEL, C. **Les Débuts de l'Histoire**. Paris: Éditions de La Martinière, 2008.

COLLINS, P. **Assyrian Palace Sculptures**. London: British Museum, 2008.

CURTIS, J. E.; READE, J. **Art and Empire: Treasures from Assyria in the British Museum**. New York: Metropolitan Museum of Art, 1995.

JACOBSEN, T.; LLOYD, S. **Sennacherib's Aqueduct at Jerwan**. Chicago: The University Chicago Press, 1935.

JOANNÈS, F. **La Mésopotamie au 1<sup>er</sup> millénaire avant J.-C.** Paris: Armand Colin, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne**. Paris: Robert Laffont, 2001.

LABAT, R.; MALBRAN-LABAT, F. **Manuel d'Épigraphie Akkadienne**. Paris: Geuthner, 1988.

LARSEN, M. (ed.) **Power and Propaganda: A Symposium on Ancient Empires**. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1979.

LIVERANI, Mario. **El Antiguo Oriente. Historia, sociedad y economía**. Barcelona: Ed. Crítica, 1995.

MARGUERON, Jean-Claude. **Los Mesopotámicos**. Madrid: Cátedra, 1996.

MOSCATI, S. **Como reconhecer a arte mesopotâmica**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

PANOFSKY, E. **Estudos de Iconologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

\_\_\_\_\_. **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PARROT, A. **Assur**. Paris: Gallimard, 2007.

POZZER, K.M.P. Cidades Mesopotâmicas: História e Representações. **Revista Anos 90**. N° 17, 2003, p. 61-73.

POZZER, K.M.P. O JARDIM DO PECADO: uma narrativa de violência sexual na Mesopotâmia. In: GRILLO, J.G.C.; GARRAFONI, R.S.; FUNARI, P.P. (orgs.).

**Sexo e Violência – Realidades antigas e questões contemporâneas.** São Paulo: FAPESP/Annablume, 2011, p. 37-58.

READE, J. **Assyrian Sculpture.** London: The British Museum Press, 2006.

READE, J. Nimrud. In: CURTIS, John (ed.). **Fifty Years of Mesopotamian Discovery: The Work of the British School of Archaeology in Iraq 1932-1982.** London: The British School of Archaeology in Iraq (London), 1982.

ROAF, M. Palaces and temples in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (editor). **Civilizations of the Ancient Near East.** Peabody: Hendrickson Publishers, 2000, p.423-441.

ROAF, Michael. **Mesopotâmia.** Barcelona: Folio, 2006.

ROUX, G. **La Mésopotamie.** Paris: Éditions du Seuil, 1995.

SAID, E. W. **Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SERRES, R.; POZZER, K.; OLIVEIRA, S; SILVA, S; LIMA, J. A Tecnologia da Guerra nos Relevos Neo-assírios. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, v. 7, 2008, p. 169-179.

WESTENHOLZ, J. The King, the Emperor, and the Empire. Continuity and Discontinuity of Royal Representation in Text and Image. IN: ARO, S.; WHITING, M. R. (eds.), **The Heirs of Assyria. Melammu Symposia 1.** Helsinki: The Neo-Assyrian Text Corpus Project: 2000. Disponível em: [www.aakkl.helsinki.fi/melammu/](http://www.aakkl.helsinki.fi/melammu/) Acesso em: 01. Nov. 2010, 09:47:41.